Minha Mãe, Maria (do Carmo), Viúva, Me Amou, Protegeu E Ensinou, Inclusive com uma Varetinha de Vime Fininho.



**Minha mãe, Maria (do Carmo), Viúva, Me Amou, Protegeu E Ensinou, Inclusive com uma Varetinha de Vime Fininho.**

- Em 1949 em tinha 5 ½ anos de idade. Naquele tempo, em Campina Grande, tudo era mais seguro, e todas as crianças da rua Solon de Lucena podiam ir sozinhas brincar na Praça Coronel Antônio Pessoa, a uns 200m de distância. Acho que eram umas 30 a 50 crianças, e umas 5 senhoras adultas tomando conta. O menino riquinho do bairro rico vizinho apareceu com o primeiro carro elétrico que eu jamais vira. Sem ele perceber, o peguei e corri para minha casa. Depois do jantar, distanciei-me para brincar com o furtado, minha mãe viu, me exigiu explicações que não pude dar, e, consequentemente, com aquela varinha de vime fininho, ela me deu umas palavras e vimadas de que me lembro até hoje. Imediatamente depois, me arrastou às oito horas da noite pelas escuras ruas de Caminha Grande, bateu na casa do riquinho, ele veio atender, e ela me fez devolver-lhe o furtado, confessar o furto, pedir perdão a ele e aos seus pais. A vergonha que passei doeu tanto quanto as vimadas. Aprendi a lição, nunca mais pensei em pegar nem 1 grama de terra de ninguém.

Meses depois, fiz bagunça na padaria vizinha, me mandaram sair, eu fiquei com raiva e quebrei o vidro da vitrine com uma pedra de calçamento, novamente minha mãe me deu umas palavras e vimadas, de que me lembro ainda hoje, me fez ir lá e pedir perdão aos empregados e ao dono, e levou uns 3 meses pagando o prejuízo, aos poucos, ver isso me também me doeu tanto quanto as vimadas. Aprendi a lição, nunca mais cogitei de 1 grama de vingança nem de vandalismo.

- Em torno dos meus 9 a 11 anos, já morando na rua Lino Gomes da Silva, bairro do São José, peguei escondido umas 3 facas de ponta, da cozinha, e tentei convencer Magnólia, minha irmã menor, a me permitir lançar as facas desenhando seu contorno no portão de madeira. Minha mãe quase engasgou de indignação e justa raiva quando soube disso, começou a me dar palmatoriadas nas mãos usando uma velha colher de pau rachada, mas a colher se quebrou toda logo no segundo ou terceiro golpe, daí ela achou o pedacinho de caniço de vime fino dos meus 5 anos, você pode achar que seria castigo leve demais para a minha idade, mas as palavras e vimadas de minha mãe foram 2 vezes mais vigorosas e numerosas que aos meus 5 anos. Aprendi a lição, nunca mais pensei em fazer nada que pudesse ferir 1mm a pessoa nenhuma.

- Em torno dos meus 12 anos, me sentindo um rapazinho, comecei a andar com uma pequena gang de uns caras de 17 a, talvez, 30 anos de idade. Uma tardinha, eles me levaram a um bar e, à risadas, me deram alguma bebida alcoólica que hoje eu nem mesmo sei o que foi, senti-me muito mal, corri para casa e disse que ia dormir sem jantar, de noite vomitei muito, fiquei doente, mas ninguém desconfiou de álcool. Dias depois, quando os caras me ofereceram Conhaque Dreher, tive coragem de recusar e dizer-lhe que o álcool já tinha causado a morte de meu pai em um acidente, já tinha causado demasiadas desgraças a primos e tios e tios-avós de 1º, 2º e 3º graus. Eles zombaram muito, tentaram me persuadir, mas resisti. Depois, os caras da pequena gang me levaram numa noitada de bar em bar, nas piores partes da cidade, resisti e não bebi, mas cheguei em casa lá pelas três horas da madrugada. Minha mãe já tinha me procurado por todas as casas de conhecidos da rua e do bairro, e descobriu que me tinham visto bebendo, andando com a gang, brincando com armas, e que todos da gang furtavam objetos, que alguns deles atacavam transeuntes e arrombavam casas, que muitos traficavam maconha e eram procurados pela polícia, daí ela me deu uns bons gritos, não me abriu a porta, me deixou ficar tremendo debaixo da chuva de julho, até amanhecer, então me deixou entrar e me deu a maior surra da minha vida. usando uma grossa corda de sisal, dobrada, pesada, causando bem mais dores que as antigas vimadas, eu tinha mais força que ela mas não a queria desobedecer e fugir, e ela chorou até não poder mais, exclamando que tinha perdido o marido e estava prestes a perder o filho para o mal, o vício e o crime. Aprendi a lição, nunca mais fiz nada que eu sabia que era errado, que tendia ao mal, ou que faria uma pessoa muito amada sofrer.

Hélio de Menezes Silva. 12.05.2018, véspera de Dia das Mães.

Não devo (nem quero, nem me lembro mais) citar nomes, mas, entre conhecidos de escolinha, ou de bairro, sei de casos em que os pais se recusavam a ter o menor cuidado com os filhos, nunca lhes diziam "não" nem "não pode", nunca se importaram de os corrigir como minha mãe, nunca lhes disciplinaram, a partir de uns 10 anos de idade as crianças passavam dias desaparecidos de casa e os pais achavam até bom, uma dessas mães me chocou com atitude "nunca batemos nela, nunca lhe proibimos nada, ela simplesmente nunca existiu para nós, filhos não passam de um estorvo, não me importo se ela virar prostituta de rua, ou caia no crime, ou for morta, somente tomara que nunca mais volte aqui." Em todos esses casos, as crianças foram as mais infelizes que conheci, e a maioria afundou no vício e crime e depressão, não sei de nenhum que esteja vivo e feliz.

Ninguém pode ser, mais que eu e minha esposa Valdenira, contra selvagem, desumano, cruel, espancamento de criancinhas com marteladas/ pauladas/ murros/ etc., aplicados na cara/ cabeça/ vente/ etc.. Mas se alguém tiver um testemunho semelhante, onde fina, leve, flexível e curta varetinha aplicada com **extrema moderação e total amor semelhante ao de Deus,** somente nos casos mais extremos de rebeldia, o resgatou do mal, e você dá mil graças a Deus por cada amoroso golpe da varetinha, então, por favor envie para Valdenira arquivar. Pode enviar para mim e para valdenirans@yahoo.com.br .